

J. Braga - 1897



AOS

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

RESTAURADORES DA PATRIA

E RECONQUISTADORES DA LIBERDADE

Consagra este «Numero Unico»

em homenagem de sua admiração

A Academia do Seminario Conciliar
de Braga

..... a vida, por larga que seja, tem os dias contados; a fama, por mais que conte annos e seculos, nunca lhe ha-de acabar conto nem fim, porque os seus são eternos...

(Vieira.)

A Commissão da Academia de Seminario: José Joaquim Gomes, Laurindo Marques d'Alvares, Adriano Lorio Custinho, Domingos Gonçalves Carneiro, José Ribeiro Gonçalves, Anténio A. Gomes Carneiro, Bento Joaquim Dias, José A. Chachado Alvares, Manuel de Araujo Couto, Anténio L. d'Alvares Forte, João Joaquim de Souza, Carlos Sarciso de Alvares, Anténio da Costa, Joaquim Gomes d'Araujo Miranda, Francisco Louqueira d'Araujo, Bento Fernandes Gomes, Anténio Martins de Brito, José M. Vieira Martins, Felix Gomes d'Araujo Alvares e Francisco de Livramento Gonçalves Brandão

Aos distintos Collaboradores d'este «Numero Unico»

AGRADECE RECONHECIDA

1.º DE
DEZEMBRO
DE 1897

HEROES DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1640

DEUS E PATRIA

QUANDO um povo desce muito na escala da degradação e se torna réo de graves delictos, o Soberano Juiz envia-lhe uma crise de soffrimento cruciante, um periodo de provação amarissima, que é como um baptismo cruento, d'onde pode resurgir dealbada e rejuvenescida uma nação que o vicio polluíra e atrophiára.

Infelizmente, Senhores, esta grande lieção renovou-se em o nosso Portugal... e praza a Deus que não venha a repetir-se!... Á similhaça de Roma, Portugal nasceu pequeno, pobre, cercado de perigos; veio á luz nos campos de batalhas, cresceu entre o fragor de continuas e porfiadas pelejas, medrou pelo esforço heroico e persistente de seus filhos, conquistou palmo a palmo o solo, adquiriu a preço de seu sangue a independencia. Á similhaça dos Romanos, deram os Portuguezes ao mundo nobillissimos exemplos de lealdade, de honradez, de abnegação, de piedade, d'amór patrio. Á similhaça de Roma, não pode Portugal resignar-se a circumscrever a sua vitalidade á estreita facha que lhe coubera n'esta extremidade da Europa.

Onde a terra se acaba e o mar começa. (1)

Á organização succede a expansão. Como diz o Cantor immortal de nossas glorias,

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça damno:
E assi, não tendo a quem vencer na terra
Vae commetter as ondas do oceano. (2)

Era-lhe sentinella o Atlantico: zombou da sentinella, domou o Atlantico; percorreu espaços immensos; cortou mares ignotos, que a pavidia insciencia povoava de terrores phantasticos; subjugou a Africa; ergueu a Cruz nos palmares do Ganges; levou o Evangelho e a civilização á America; perlustrou as vastidões da Oceania...

E se mais mundo houvera, lá chegára! (3)

mas tambem, similhante a Roma, o seu proprio poderio lhe cavou a ruina. Com as conquistas vieram as riquezas, e com as riquezas a effeminação, a sêde de prazeres, os desvairros do luxo asiatico, que perverteram a antiga indole nacional, mudando os soldados em chatins, os guerreiros em aulicos, e as pristinas virtudes em vicios incuraveis, que as leis debalde lidavam por atalhar.

Foi esta a causa que fez cahir sobre a nossa patria todo o pezo da cholera divina. Punição tremenda! Augustiosa prova, que se protrahiu por sessenta longos annos!

Pobre Portugal!

(1) *Lusiadas*, cant. III, est. 20.
(2) *Ib.* cant. IV, est. 48.
(3) *Ib.* cant. VII, est. 14.

Porém, recobra alento, ó patria! Ergue olhos e mãos supplices ao Céu! Exora o Deus misericordioso, o Arbitro Supremo das nações, que outr'ora velava por ti com especial predilecção!

Assim succedeu, Senhores: e a prece foi attendida. Verificou-se o milagre.

Chegára o dia marcado. Amanhecêra puro e ridente o sabbado 1.º de Dezembro de 1640.

Em duas horas apenas, surgiu uma nação das trevas á luz; em duas horas converteu-se a escravidão d'um povo em auri-splendente liberdade; em duas horas, quasi se pôde dizer sem sangue e sem lucta, baqueou por terra a odienta dominação castelhana, e sentou-se no lusitano solio o descendente e representante legitimo dos antigos monarchas!

Quem não vê n'este estupendo successo o dedo de Deus?

E' justo, é digno, é racional que louvemos o Deus forte e poderoso, o Deus de nossos paes, Aquelle de cujas mãos dependem as vicissitudes dos reinos e dos imperios; que exaltemos o seu Nome e bendigamos o seu Braço, que fez brilhar a sua grandeza e a sua gloria protegendo o *Reino Fidelissimo: Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est!*

Parabens á patria!
Gloria a Deus!

Augusto, Arcebispo d'Evora.

A INDEPENDENCIA DA PATRIA

Soneto-acrostico

Commemorativo do dia 1.º de dezembro de 1640

V Patria fôra oppressa — vis grilhões
I a arrastando misera, abatida...
N oblitada outr'ora, hoje envilecida
D eixava se insultar pelos baldões.

E scravisada, pobre, sem brazões,
E or largo tempo foi escarnecida;
E sgotaram-lhe as forças, quasi a vida,
N avalhada por golpes dos vergões.

D despertando alfim, subito exclamara:
E U SEREI LIVRE! E foi. Pois de repente,
N 'um impeto, os grilhões despedaçara.

V iu-lhe aos pés o jugo deprimente.
I nda irada p'ra longe o arremessara
C i bradar: EU SEREI INDEPENDENTE!

Canidello, 1897.

P.º Sousa Maia.



NON MORITUR

GLORIOSO facto do 4.º de dezembro de 1640 projecta na Historia que o segue taes e tantos esplendores, afervora tanto a alma d'esta gente portugueza, filha de heroes, e desperta de tal modo a consciencia do seu valor que eu não sei como possa morrer e ter sepultura n'este mundo tão estreito a nação que o registra e celebra.

P.ª Cunha Guimarães.

Patria

..... famosa,
.....
..... preciosa,
..... afamada.
Camões—C. X. E. 137—Lusiadas.

MINHA patria da minha alma!
Não esqueças nunca o dia,
Que te deu tua alforria
Contra a dura tyrannia
Dos Philippes de Castella!

Minha patria da minha alma!
Foram tres os reis tyrannos,
Que por seis vezes dez annos
Com vexames deshumanos
Os teus filhos torturaram!

Minha patria da minha alma!
Mas um dia em fim raíára,
Que ao povo galvanisára,
E em que o povo esmigalhára
Diademas oppressores!

Minha patria da minha alma!
Nos teus filhos escolares
Has de ter sempre a milhares,
Quem de ti além dos mares
Teu arrojo em brados louve!

..... feito com verdade
portuguez..... na lealdade.
Camões—C. X. E. 140—Lusiadas.

Braga, 1 Dezembro 97.

O DECANO DO LYCEU — *Pereira Caldas.*

1640-1897

COMMEMORAR a data de 1640, é ideia sympathica e ainda louvavel; mas não é, infelizmente, realizar as aspirações que, no presente momento, a patria tem e deve ter.

Em verdade, chegados á desoladora crise que o paiz atravessa, não é de conspiradores que precisamos; mas sim de estadistas honestos e energeticos, capazes d'atallarem a anarchia d'interesses, que inter-muros se desencadeia e de suffocarem o descrédito, que lá fóra enxovalha o nosso nome.

O feito de Pinto Ribeiro, em dias d'hoje, seria apenas mais uma rude, embora vicejante flôr a entretecer a imperecivel corôa da nossa heroicidade:—longe d'afugentar os perigos, chamal-os-ia; porque o receio não fóra provir d'uma dominação estrangeira, mas sim do terrifico phantasma da *contrôle*. O mal não está nos reis com corôa: está nos réis... em numero. Não é uma questão de sceptros: é uma questão de cifras.

O ponto de contacto, portanto, entre os heroes de 1640 e o Messias hoje desejado está apenas no amor da patria. Que, de resto, outros devem ser os seus fins e as suas intenções.

No entanto, acordar, despertar um nobilissimo sentimento, é obra devéras meritoria,—visto que d'esse fogo sagrado, qual outra phoenix, póde resurgir o homem que nos soerga ao antigo renome. Sob este aspecto são bem dignas de applausos as manifestações hoje realisadas pela briosa Academia de Braga.

Povoa, 24—XI—97.

Antonio Silveira.

LAGRIMAS!

ASSIM como o branco lyrio precisa do orvalho matinal para conservar a frescura das suas petalas e do seu calix se exhalarem doces perfumes, assim as nações carecem de ser aljofradas pela religião christã, para se apresentarem na arêna dos tempos cheias de vigor e actividade e seguirem triumphantemente a luminosa senda do progresso e da civilização.

E' por isso que a luza gente, emquanto se abrigou á sombra benefica e mysteriosa da Cruz, foi a maior quinhoeira dos louros da conquista e a sua fama echoou pelos quatro angulos do universo.

Hoje, porém, que no coração d'uma grande parte do povo portuguez deixou de florir a sagrada crença dos nossos avoengos e os magnates das facções partidarias procuram a inspiração no seio caliginoso da maçonaria, as nossas glorias passadas converteram-se n'um manancial de sarcasmos e aleivosias e o destino da nossa patria esconde-se nas densas trevas d'um futuro todo horrores, todo ruinas, todo lagrimas...

Em presença de tão carregado e sombrio quadro, como quereis vós—esperançosa academia—que eu dedilhe no meu quebrado alaude uma nota alegre que se possa casar com os brados d'enthusiasmo nascidos da vossa alma juvenil, cheia de calor e vida, ao relembardes a data gloriosa da nossa independencia nacional—o dia 1.º de dezembro de 1640?!

Eu não sei entrelaçar no mesmo bouquet goivos queimados pelas lagrimas quentes da dôr com margaritas rociadas pelas gottas d'um orvalho de jubilo e, por isso, emquanto vós, n'este dia solemne, daes expansão á alegria que vos enche o peito, eu carpo amargamente as desditas da minha patria.

Seminario, 1—12—97.

José d'Amorim.

SANTAS LAGRIMAS!

As arvores vergam os seus ramos com o peso da geada, como a patria que tambem está sob o jugo do despotismo.

Se o sol não desponta livremente n'estes dias de dezembro, como hade tambem irradiar a liberdade para um povo oppresso pela tyrannia!

As noites são algidas e sombrias e os pobresinhos morrem á mingua de pão na arca e fogo no lar: donde virá o conforto?

Se a patria geme angustiada como hade prestar socorro! Se o manto da sua vetusta grandeza está róto nos espinhos d'um longo martyrio, como hade abrigar infelizes e desamparados!

Em Portugal reina a tristeza, domina o terrôr, impe-ra a desolação!

Onde estão os corações generosos que á luz dos combates com mouros e castelhanos erguêram e sustentaram o pavilhão da nossa autonomia? Onde estão os arrojados navegadores que levaram os nossos galiões e varineis a novos mares e incognitas paragens?

O Duque d'Alba desbaratou os ultimos soldados do Prior do Crato; as côrtes d'Almeirim e de Thomar foram uma vergonha; os fidalgos vendêram-se a Christovão de Moura e o povo aviltou-se na oppressão exercida pelo Duque d'Olivares, pelo Conde de Lerma e pelo axerando Miguel de Vasconcellos!

Que ides fazer vós, oh conjurados, que a altas horas da noite vos reunís no pavilhão do jardim de D. An-lão d'Almada? E vós formosos môços, esbeltas figuras, decididos cavalleiros, armados de *ponto em branco* e des-embainhando luzidias espadas?.....

Vós sois a esperança e o futuro, vós sois a nobreza briosa de corações juvenis, sois a aurora d'um resgate; mas em que confiaes?... É forte o vosso braço e decidi-da a vossa coragem; mas em que nune collocaes a vossa esperança?...

—Nós, respondem os valorosos cavalleiros, somos os filhos de Filippa de Vilhena: as nossas armas vêm un-gidas e abençoadas pelas lagrimas de nossa mãe!

Oh sagradas lagrimas com que o amor maternal res-gatou a patria, que tambem é mãe!

Porto 1897.

Padre F. J. Patricio.

RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Vidi afflictionem populi mei... et sciens
dolorem ejus, descendi ut liberem eum de
manibus Aegyptiorum.

Exodo. Cap. 3.

POR morte de Dom Henrique,
Do velho Cardeal-rei,
Que ao throno, erguido em Ourique,
Fôra chamado por lei,
Portugal, o velho honrado,
O marinheiro, o soldado,
Sempre livre até então,
Cabira, mais por surpresa,
Do que mesmo por fraqueza,
Na mais dura escravidão.

Pintar o quadro de horrores,
De villanias, d'enganos,
Com que seus vis oppressores
Trataram por sessenta annos
Este guerreiro possante,

Este heroe, este gigante,
O bravo leão do mar,
Não ha pincel, não ha tinta,
Por mais negra, e mais retinta,
Que bem o possa pintar.

D'escravidão tão pesada,
Como a sua escravidão,
Nem escripta, nem fallada,
Reza alguma tradição,
A não ser da que algum dia
Soffreram na Barberia
Alguns de nossos avós,
Ou, então, das dos hebreus,
Do povo eleito de Deus
Na terra dos Pharaós.

Privado da sua corôa,
Da sua corôa real,
Como no mar a canôa,
Ludibrio do temporal,
Portugal era vexado
Ora com duro, pesado
Tributo de montes d'oiro,
Ora de levas de gente,
Que passava em continente
A levar vida de moiro.

Roubados os seus conventos,
Suas egrejas roubadas,
Os quartéis sem armamentos,
As praças desmanteladas,
Suas conquistas perdidas,
Suas frotas expellidas,
Quasi sempre, tarde e mal;
Eis o miserimo estado,
A que tinha então chegado
O reino de Portugal!...

Porém Deus, que já cançado
Era, se pôde dizer,
De ver este velho honrado
Tantas affrontas soffrer,
Suscitou d'entre a nobreza
Quem tomasse a grande empreza
D'arrancar com galhardia
O pobre velho captivo,
Mais morto já do que vivo,
Das garras da tyrannia.

E aos gritos de—Liberdade!
Erguidos na capital
Com aquella gravidade,
Que pedia um caso tal,
Portugal, reanimado,
Qual morto por Deus chamado
Das trevas da morte á vida,
Recobrou—quem tal diria?!
Em menos de meio dia,
A liberdade perdida!...

Se, depois d'esta façanha,
D'esta proeza sem par,
Teve inda longa campanha
Portugal de sustentar,
De pouco mais serviu ella
Do que mostrar a Castella,
Na sua grande derrota,
Que Portugal inda então
Era o mesmo campeão,
Que fôra em Aljubarrota.

Ao ver-te, pois, libertado
Dos ferros da escravidão,
Ao ver-te, enfim, restaurado
Nos teus fóros de nação,
Portugal, eu te saúdo,
Como filho e, sobretudo,
Como quem mais quereria
Ver-te morto de metralha
Lá no campo da batalha,
Que escravo ver-te um só dia.

Abade de Feiriz.

1640—1897

VIVA El-Rei D. Henrique
«No inferno muitos annos,
«Pois deixou em testamento
«Portugal aos castelhanos!»

Tal era a voz da turba n'aquelle anno sombrio de 1580.

O balsão do Prior do Crato, patrioticamente desfraldado, abatera-se e afundará-se no atoleiro da cobardia humana!

A velha prosapia portugueza, scintillante de rasgos de heroica bravura, soffrera enorme descalabro, mercê da defeecção que, ao tempo, invadira a alma nacional!

Volvidos 60 annos de affrontas e vituperios, resgatou-se a antiga energia de que Phebus Moniz era o mais lídimo representante em terras portuguezas. Miguel de Vasconcellos ficou estatellado nas lages, junto aos Paços da Ribeira, sendo assim entregue á furia popular.

E, momentos depois, D. Carlos de Noronha, em altercação com a duqueza de Mantua, observava-lhe entre agastado e decisivo:

—Não queira Vossa Alteza dar occasião a que se lhe perca o respeito.

E ella, surprehendida e altiva:

—A mim?! Como?

—Lançando-a por uma das janellas d'estes Paços!
Era concludente.

Tal foi o inicio da brilhante epopeia de ha 257 annos. O estrangeiro foi expulso do sólo sagrado da Patria. Floresciam assim os dias gloriosos dos plainos de Aljubarrota.

Hoje, o estrangeiro espreita-nos de Paris, de Berlim, de Londres, da Haya, de Anvers. Parece ouvir-se já, allí, á bocca do Tejo, a infernal algazarra de uma maruja estranha, a qual, embarcada em possantes couraçados, vem impôr-nos a sorte da Grecia.

Estaremos tão effeminados, tão faltos de brio e de dignidade, que permittamos tão espantosa vergonha?

N'esta hora de perigo deve todo o bom portuguez ter bem presente á memoria estas significativas palavras do nosso immortal Camões:

«Tão amante fui d'esta Patria querida que, não contente de morrer n'ella, quiz tambem morrer com ella.»

Porto, novembro, 1897.

Acacio Pereira.

..... fuimos Troes: fuit Illium et ingens
Gloria Tebarum.....!

QUANDO nas minhas horas de tristeza
Recordo a tua pristina grandeza,
Patria!
Eu sinto uma torrente d'alegria
Inundar a minh'alma ha pouco fria.

E se ás vezes alegre, satisfeito
Te quero celebrar inda em meu peito,
Patria!
O *fuimus Troes* de Virgilio outr'ora,
Hoje applicado a ti, minh'alma chora.

Seminario.

A. C. Mattos.

A FESTA DOS ACADEMICOS

ASSIM considero eu a festa que é de costume celebrar-se annualmente em Braga, no dia 1.º de dezembro, em commemoração do glorioso feito praticado pelos grandes heroes de 1640.

Já n'esse mesmo anno os academicos da *Luza Athenas* festejaram a nossa independencia com o brilhantismo e enthusiasmo, que era licito esperar da idade viril dos que frequentavam o primeiro estabelecimento scientifico do nosso paiz.

Tão nobre exemplo foi logo seguido em Braga e, depois, tambem em muitas outras terras, onde a mocidade estudiosa é justamente considerada pelos patrioticos sentimentos que possui em elevadissimo grau.

De anno para anno vae a distincta classe academica redobrando de enthusiasmo pelas glorias da nossa querida patria, o que é um excellente meio de afirmar aos inimigos da nossa autonomia que são cada vez mais respeitaveis os sentimentos, que em Portugal dominam as gerações que vão surgindo.

Apesar das magnificas festas religiosas, que em muitas terras se celebram em acção de graças n'este dia, é fóra de duvida que os academicos contribuem poderosamente para que ellas se realizem com muita maior pompa e brilhantismo, como na realidade merece a restauração da independencia de Portugal—esse momento unico na historia das nações, o qual chegou mesmo a fazer espantar os proprios castelhanos, que por tanto tempo nos vilipendiaram!

E, pois, necessario que todos, sem distincção, nos associemos aos enthusiasmos dos nossos sympathicos academicos, tomando parte nas suas festas, porque ellas teem por fim engrandecer a nossa patria e honrar cada vez mais o nome portuguez.

Oxalá que todos se compenetrem da verdade e que cada qual concorra, consoante as suas forças, para tornar cada vez mais brilhante a festa da academia bracarense.

São estes os meus desejos.

Braga—1897.

Concego Barroso,
Capellão militar.

Não memoram os fastos de povo algum feito tão notavel e extraordinario como o da Revolução do Primeiro de Dezembro de 1640. N'um só pensamento, n'uma só vontade, e n'um só arrojado commettimento se congregaram os então tres Estados do reino, clero, nobreza e povo, a menos uns poucos de fementidos que

tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes;

e em curtos momentos realisaram a emancipação de um povo, eximindo-o do jugo tyrannico que por longos sessenta annos o opprimira, realisando a como que profecia contida nas palavras de João Pinto Ribeiro, quando seguia para o Terreiro do Paço, em resposta a amigo que lhe perguntára:—Aonde vae?

—«Chegamos allí abaixo á sala real, e é um instante em quanto tiramos um rei e pomos outro.»

Barcellos, 26 de
novembro de 1897.

Rodrigo Velloso.

TANDEM DIES VENIT!

CHEGOU o momento em que as festas, os espectáculos e o mesmo dia annunciam os grandes feitos do nobre Ancião Luzitano. Chegou o momento em que os cyrestes e os sepuleros são para mim objecto de horror e tristeza, porque possuem as cinzas dos que mais engrandeceram e exaltaram a sua Patria. Chegou, emfim, o momento em que Portugal se ufana de que o Arbitro Supremo, que regula a ordem dos tempos e dos acontecimentos, o elegeisse para essa epoca de saudosissima memoria.

Quem duvida de que quando Deus quer manifestar um povo ao universo, Elle o tira dos thesouros inexauriveis da Sua Sabedoria, onde se encontram os renovos de todas as virtudes? Assim é que o povo Luzitano sempre magnanimo, despede de si valores que vêm a ser a vida e a consolação da sua patria estremecida.

Mas, ó Portugal! Apesar do braço gigante d'onde trazes a tua soberba nacionalidade, apesar das prerogativas, que os nossos antepassados te vincaram na frente, constituindo-te o Senhor d'aquem e d'alem mar; apesar das proporções que tiveste com o Soberano Arbitro das Nações; apesar emfim, da consistencia de teus braços herculeos, tu não és, ai! tu não és senão um atomo no meio dos collossos que te cercam por todas as partes; não és senão um grão de arêa em comparação dos teus proprios edificios; não és senão um dedo d'aquelle gigante que outr'ora vergara o velho Leão de Castella; não és emfim, senão um assopro, se te pões em paralelo com aquella viração fecundissima que em 1640 vivificara a alma nacional opprimida por um captiveiro de vinganças! *Sursum corda*. Mas que digo! Ainda não volou de todo aquelle espirito de fé e heroismo, que sempre caracterisou a raça Lusitana; ainda zunem as balas na conquista e submissão do gentio, impellidas pela fé e amor patrio, e o seu echo ribomba nas costas da península recordando a valentia dos quarenta. Então, ó saudade! O sendal que vedava a sua frente de vergonha e pundonor rasga-se para sempre, pela sanha do heroismo patriotico! O throno, qual outro espantoso rochedo, ou para melhor dizer, formidavel escolho onde estrebuxavam impetuosas as ondas populares, se transforma de repente em um resplendoroso Sol! Ao passo que a nau infeliz sem leme nem piloto se contorce e extenua sem esperança, a alma Luzitana sedenta de patriotismo corre pressurosa a saudar as glorias da Patria. Portugal independente! sôa o grito nacional. *Tandem dies venit!* bradam os quarenta.

Geraldes de Villa-Fior.

O 1.º DE DEZEMBRO

UM dos factos mais caracteristicos e culminantes da nossa historia, verdadeira Iliada d'inclytas proezas, é a independencia do nosso paiz, em 1640!

Quando um povo, grande pelas suas tradições historicas, grande pela sua heroicidade, indomavel e audaz, recebe o jugo d'uma nação estrangeira—esse jugo quebra-se, faz-se mil pedaços, volatilisa-se ante o denodado esforço dos tyrannizados.

Portugal, cujas frotas haviam arado não sulcados mares, cujas façanhas fôram rutilante epopêa, cuja espada traçara um circulo de fogo e, como a velha Roma, avassalára o orbe—não podia consentir tão ignominosa sujeição.

Como leão sacudindo a juba, Portugal desfez o tyrannico dominio de Castella, resurgindo mais vigoroso e emprehendedor, apoz 60 annos d'opressão.

Um grupo pequeno, mas valoroso, de portuguezes ergue o grito d'independencia e esse grito ingente—enorme desabafo de gigante, colossal rugir de cratera—rebôa em todos os angulos do paiz, repercute-se, qual corrente electrica, e faz vibrar unisono o amor da patria em todo o coração de verdadeiro portuguez.

A Grecia, procurando constituir a sua nacionalidade, Roma, ardendo nos estuos d'um dominio universal, a heplarchia anglo-saxonia, forcejando pela sua autonomia, e, na edade-media, as duas poderosas nações d'então— a Germania e a Arabia—, visando á partilha dichotomica da Europa medieva e, modernamente, a França, ambiçionando, com Napoleão 1.º o desideratum carlovingio, obedecem á lei fatal de toda a historia.

Portugal, reconquistando a sua independencia obedece tão sómente a um nobilissimo sentimento de patriotismo.

Havia já longo tempo que a nacionalidade portugueza se radicara, n'este abençoado solo peninsular: não a podiam esphacelar os estolidos propositos dos tyrannos!

E' por isso que este dia de hoje se celebra com todas as hosannas de santos contentamentos; mas, em meio d'estas demonstrações de jubilo, uma só coisa nos anuvia a limpidez dos nossos legitimos jubilos! Essa nota discordante é dada pela desgraçada politica indigena, que nos ha feito beber o calix d'amarissimas agonias, arrasando-nos para um abysmo medonho.

Qual o remedio para esta anarchia dos espiritos, para a desordem das finanças?

Um só—a instrucção, alliada ao civismo e amor da patria.

Por obvia não carece de demonstração esta affirmativa.

Evite Portugal a politica, essa mancha na tela esplendente da civilisação, essa arte, que, devendo ser a arte do bem é, multissima vez, a do mal e poderá ainda não obter a hegemonia que a isso se oppõe a philosophia da historia, mas desempenhar o papel brilhante a que pelo seu passado glorioso tem incontestavel direito.

Joaquim C. Pinheiro Guimarães.

PATRIA!

PATRIA! minha patria! eu ouço os teus gemidos,
Ao meditar saudosa o teu aureo passado;
Quando, de pranto amargo olhos humedecidos,
A tua historia lês que assombro ao mundo ha dado.

Foste rainha altiva: o oceano em fóra
Sulcando, destemida, a tua sob'rania
Levaste muito ao longe, onde nasce a aurora,
Com a bemdicta Cruz que em teu peito fulgia.

Innumeros pendões curvaram se rendidos
Perante o valor teu famoso, sem igual;
Tremiam de respeito os povos teus vencidos
Sómente com ouvir teu nome—Portugal.

Por isso é que saudoso eu ouço teu carpir,
Vendo o que foste e és, de triste viuvez...
O' patria! só com Deus tu podes resurgir;
Foste grande co'a Fé—sê crente inda uma vez!

Faz' um ultimo esforço e mostra ao mundo inteiro
Que não morreste ainda, a tua historia ostenta!
Sê crente e assim terás de novo inda um Ribeiro,
De novo hores de mil seiscentos e quarenta!

Seminario.

J. B. Campos.

1640!

Esta era de mais saudosas recordações para o povo privilegiado e abençoado por Deus no Campo d'Ourique!

Se 1139 recorda á nação Luzitana a epocha em que era fundada por Deus esta monarchia, hoje sete vezes secular, e com tão gloriosas tradições, 1640 recorda igualmente que um punhado de valentes e valorosos Portuguezes, fieis ao seu Deus, á sua patria e ao seu Rei, quebrando e despedaçando as duras algemas que arroxearam seus pulsos durante 60 annos de captiveiro, conquistaram á custa da sua bravura e heroicidade esta terra, *que é só de Portuguezes, e que nunca poderá ser d'outra qualquer nação!*

E' que a nação, berço de tantos heroes, soube impôr-se como nenhuma outra, apesar de pequenina, porque tinha em seu favor a divina crença incendiada no coração de seus filhos!

E é por est'arte, que conquista povos inteiros para o estandarte das quinas, e ahí implanta a sua lingua propria, hoje uma das mais falladas no mundo inteiro: conhecida e fallada na Africa Oriental e Occidental, na India e junto do celeste Imperio, no Brazil e na Australia recorda sempre um povo, guerreiro e *um povo de fé christã.*

A' semelhança do povo d'Israel, o povo querido de Deus, a Nação portugueza soffreu um vergonhoso captiveiro, mas a fé a libertou, e bem depressa subjugando o leão, confundiu aquelles que a tinham algemado.

Cantemos ao Deus das Victorias o nosso triumpho e não esqueçamos jámais que se queremos continuar a merecer o glorioso nome de heroes da patria hemos de ter por fundamento a Fé.

Itaec est victoria, quae vincit mundum fides nostra.

Porto. Officina de S. José, 30 de Novembro de 1897.

P.º Sebastião L. de Vasconcellos.

DECADENCIA

QUEM é hoje inimigo d'este Povo
Descalço, de carocha e sambenito?...
Como lhe geme o coração afflicto!...
Quem lhe dá ou lhe empresta sangue novo?

Este réu bem merece a piedade;
Que foi outr'ora varonil e nobre:
Gloriosa bandeira ainda lhe cobre
A Historia de seus feitos n'outra Edade.

Outr'ora não soffria o jugo alheio,
Nem de qualquer tyranno a ferrea lei;
Hoje quem o governa? E' Deus? o Rei?
Burnay? Municipal?... Funesto enleio!

Porém não é de todo a luz extincta,
Não é de todo aberta a campã fria;
Alma da Patria, o sol que te allumia
Não ha ninguem por ora que o não sinta.

Egregio Portugal, commove a gente
Vêr como te governas, e dissipas,
Emquanto-pretos, lá na Lybia, estripas
Com esse gladio antigo e refulgente!

1.º DE DEZEMBRO!

FAZ-ME mal,—sinceramente o confesso,—faz-me mal, hoje, vêr rememorar esta data tão gloriosa!

Que differença, que pungentissima differença, entre os portuguezes d'agora e os portuguezes d'esses tempos da nossa historia patria, que tão alto ergueram a bandeira do seu paiz!

Perdida a crença, perdidas as esperanças d'um resurgimento, perdida até,—porque não hei de dizel-o?— a coragem para a lucta; sem ideaes e sem ambições, arrastamo-nos todos na indolencia de quem nem ao menos quer pensar no que possa vir a ser o dia d'amanhã!

Patria, minha patria!—Morre embora vencida em pleno campo de lucta; mas não guilhotinada pela mão despiedosa do algoz, como um facinora vil, a quem a justiça social precise eliminar do numero dos vivos!

Patria, minha patria!—Levanta-te e caminha! Atraz de ti fica refulgindo o teu passado, cheio de gloria e ávan-te, no futuro, entre-abrindo-se-te ainda um vastissimo campo, onde exerças a tua acção!

A Africa recebe-te de coração aberto aos teus arroj-os; e lá, se não venceres, morrerás heroicamente.

A mortalla que te envolver será feita de luz, e terás em volta do teu nome, como derradeiro *requiem*, as bençãos de todo o Mundo!

Braga, 1897.

Carlos Braga.

O DESPERTAR

PORTUGAL, meu velho Portugal! Em que estado te encontro! Será por acaso possível o que vejo?! Tu, o heroe do campo de Ourique, tu, por cujo braço potente eram derrotados os infieis, tu, que obraste prodigios de valor em Aljubarrota, tu, cuja vista perspicaz descobriu mares, terras, ceos ainda não descobertos, tens os pulsos algemados?! Dobras a cerviz ao jugo de Castella, a quem venceste sempre em mil recontros?! Levanta a cabeça, coloso! desata os grilhões que te algemam os pulsos, heroe, que o teu destino não é a escravidão! Como! Tu o vencedor, seres subjugado!... Tu o conquistador, seres vencido! Por Deus, acorda!

Mas silencio! Suspira o ancião! Lança em derredor olhares de angustia; parece que desperta pouco a pouco d'um pezadello horrivel; vagueia em volta de si os olhos, e não vê senão as armas dos Philippes; vae a levantar os braços, mas encontra-os ligados por pezadas cadeias de bronze.

—Como! exclama: como é isto possível?! Presos os meus braços que tanto se levantavam aos Céos como destruiam as hostes sarracenas?! No logar da minha corôa, cujo brilho assombrou os maiores potentados da terra, vejo os brazões castelhanos?! Oh vergonha! Oh ignominia!

E o velho Portugal chorou longamente, amargamente, lagrimas de sangue. Depois levanta-se, tremem-lhe os labios, os olhos lançam chispas de fogo; os músculos retezam-se-lhe, com um simples movimento despedaça as grossas algemas e ellas fogem, vôam, indo bater na cara de seus inimigos! Deita as mãos á corôa castelhana, lança-a ao chão e calca-a, calca-a com mais desprezo, com mais nojo do que a um sapo.

—Sou livre, exclama: oh! enfim sou livre! Loucos que tentaveis subjugar o vosso senhór! Insensatos que que-

rieis dar leis a quem só as póde dar! Para longe, cana-
llhas! Arreda, miseraveis!

Ah! Sim, Portugal, agora já te reconheço. Já respiras
o ar puro da liberdade, em vez da atmosphera putrida
da escravidão. Como assim és bello, meu querido Por-
tugal!

Novembro de 1897.

M. J. Felles.

HEROES

HA epochas na historia, caracterisadas por factos tão
identicos, correspondendo-se parallelamente, que, não
obstante a distancia secular que as separa, as diriamos
uma e a mesma.

São assim, a meu ver, as duas epochas que hoje
relembro—1640—data da nossa restauração gloriosa—
e o momento historico que ora atravessamos.

Como então, podemos hoje dizer com verdade

«que dos portuguezes alguns traidores houve algumas vezes».

Não são as aberrações apanagio exclusivo de qual-
quer tempo ou de qualquer povo.

E' a triste condição da vida humana—onde houver
homens, hade haver fatalmente o choque de ideias en-
contradas, o atrito de opiniões diversas, o contraste dos
sentimentos nobres em lucta com as fraquezas inheren-
tes á nossa especie.

E é providencial esse antagonismo que nasceu com
os primórdios do mundo e só com elle terminará. Sem
lucta não ha victoria que mereça tal nome.

Sem a difficuldade, sem os obices, ao parecer mais
insuperaveis, não ha triumpho que deva appellidar-se as-
sim.

Voltando á ordem de ideias de que me afastava,
darei que considero hoje, *mutatis mutandis*, o nosso es-
tado social perfeitamente identico ao de 1640, no tocan-
te á pronunciada decadencia e desprestigio em que nos
encontramos.

Mas, como então, não considero impossivel o resur-
gimento.

Ao contrario, convenço-me de que a Providencia
tem reservado á nossa nacionalidade destinos gloriosos
que a nossa ignorancia actual não póde preserutar. Uma
nação que tem officiaes como Mousinho d'Albuquerque, e
soldados valentes como todos esses heroes das camp-
anhas d'África, um paiz pequeno e pobre que vence quan-
do potencias florescentes succumbem, não é, não pode
ser um paiz perdido, que vá passar á massa dos ano-
nymos, deixando o seu nome de figurar no mappa das
nações.

Os heroes de hoje, não os reputo inferiores aos de
1640. São dignos continuadores d'aquelles que nos
abriram, na historia moderna uma esteira luminosa, e in-
sculpiram com suas espadas rutilantes a mais eloquente e
inapagavel epopeia.

Filhos benemeritos da patria, antepassados gloriosos,
nossos modelos e exemplares, eu vos saúdo!

Dignos continuadores dos heroes de 1640, honra
da patria, gloria do nosso povo, soldados das campanhas
africanas, eu me orgulho de ser vosso irmão!

Famalicão.

A. Dias Costa.

Heroes da Liberdade!

I

Eis que reponta no horisonte a aurora,
Tão bella e resplendente,
Que o dia feliz assignalava
A' restauração da patria, que escrava
Gemia e decadente.
Poucos são os conjurados, que na sombra
Juntos, tentam salvá-la.
Poucos sim, mas ousados. Decididos
A' morte e exterminio, se vencidos,
Não pódem libertá-la.
E que importa o numero, aos guerreiros
D'Aljubarrota e Valverde?
Se o ceu está por elles, e a justiça
Supera co'o valor a vã cubiça,
Que os castelhanos perde?

II

E' o dia aprazado. Nove horas
Acabam de soar;
E do solar do nobre Antão d'Almada
Quarenta heroes desembainhando a espada
Saem o espaldar.
Um nome teem na bocca: Portugal!
Um só pensar é o seu:
Proclamar rei o duque de Bragança,
Restituir-lhe a arrebatada herança,
Que a nação perdeu.
Em uma hora o plano agigantado
Logrou executar se
Co'a morte d'um vil degenerado,
Que vendido á Hespanha, de bom grado
Viu a patria finir-se.

III

Que valor foi mistér e que de arrojo
P'ra tal emprehender;
Quem poderá dizel-o se a historia,
De outro facto não faz igual memoria,
Que ouvisse acontecer?!
Lusos valentes, que d'heroes antigos
A fama escureceis;
Vosso nome em meu peito gravar quero.
Heroes da Liberdade! eu vos venero,
Na campá em que jazeis!

Goães—Penella 25/11/97.

Manoel Antonio da Cunha.

LAUDEMUS VIROS GLORIOSOS

AINDA tens filhos, oh! patria!

Querida, como deve amar-se o torrão, que enxu-
ga as primeiras lagrimas e abraça os innocentes vagidos,
ainda ha para ti louvores, como louvores merecem os que
foram teus e já não existem, que já foram grandes e en-
sinaram muito.

Tambem ha lagrimas, e bem sentidas, que os filhos
d'hoje enxugar não pódem: o passado, embora d'heroes,
é-lhes tormento e angustia, já que o presente imital-o
não quer!

Não chore o futuro, livral-o é nosso: eduquem-
os quem apparece e ha-de ficar; sirva-lhe de licção o pre-
sente, e de exemplo o passado.

Recordemos datas e saudemos heroes, que mais não
é que muito querer e fazer.

Braga—XXVII—XI—XCVII.

J. Roberto Maciel.

SALVÉ! Academia bracarense.
Tuas arterias pulsam com o sangue verdadeiramente portuguez.

Convicta do heroismo d'esta raça e cheia de esperança e fé tu glorificas os heroes de 1640 para reanimares a alma popular e convences-a de que um povo, que soube estalar e libertar-se dos grilhões que lhe roubaram a independencia, saberá tambem vencer a crise que atravessa para mostrar ao mundo que sabe ser honrado e quer e tem direito a ser livre e independente.

Ensinae, sîm, ao nosso povo a historia do seu paiz e vel-o-eis resurgir para a vida nacional, porque elle saberá conservar as gloriosas tradições que nossos avós nos legaram, e a tradição assim como dá coragem e valor ao soldado no campo da batalha, assim tambem ensinará o povo a arcar e vencer, com trabalho e sacrificios, qualquer crise que lhe ameace a autonomia e independencia, porque os exemplos de heroicidade fazem heroes, e um povo de heroes não pôde morrer.

Salvé, pois, Academia bracarense que assim ensinas ao nosso bom povo a sua gloriosa historia.

Guimarães.

Concego Alberto da Silva Vasconcellos.

SAUDADE

(Aos meus ex-condiscipulos do Seminario)

MIM, pobre exilado n'esta aldeia,
Pedir um canto vindes, mocidade! . . .
Deixae-me antes viver triste, esquecido,
Assim, longe das festas, da cidade.

Mas pôde o coração fallar mentiras
Nos sonhos encantados d'esta idade?!
Não pode: e não deve a alma, assim tão nova,
Viver nas trevas de agra soledade.

Nas fibras delicadas de minha alma
A festa de hoje vibra atroz saudade . . .
Ainda hontem ia—ruas fóra—
Saudando, em vosso meio, a Liberdade.

Mas hoje, esse delirio d'entusiasmo
Suffoca-m'o no peito a anciedade
De não acompanhar-vos n'este dia
Gritando pelas ruas da cidade.

S. Lourenço de Sande

A. Gonçalves

AVE SPES UNICA

DIA de festa. Um rancho de moços academicos passava alegre e descuidado como um bando d'aves chilreando pelo espaço. O patriotismo que inflammava seus corações, exteriorisava-se por vivas altisonantes e repetidos á mãe patria. A esperança que rutilava em seus rostos alegres, communicava-se aos corações já envelhecidos pela indifferença, já mortos pela descrença no esplendoroso resurgimento do nosso dismantellado Portugal, como a luz argentea da meiga lua, aniquilando as trevas d'uma escu-

ra noite. Assim caminhavam estas almas queridas, n'uma alacridade expansiva, cheias de vida e rosados sonhos, quando immediatamente se detêm com a presença d'um venerando ancião, de cabellos brancos como espumas oceanicas, olhar sereno e electrizante e palavras graves e respeitaveis em virtude d'uma pesada reflexão. Parecia um dos nossos egregios antepassados, a quem o fogo da juventude podesse dar vida e fugisse da mudez da campa a abraçar n'um amplexo de eterno agradecimento aquelles que festivamente, delirantemente o acclamavam.

—Que fazeis, risonha e esperançosa mocidade? Que acontecimento poderoso é esse que accende tão nobremente, tão gallardamente vossa alma, vibrando toda ella em acrysolado amor patrio? —perguntou o ancião.

—Cantamos victorias passadas, evocamos nomes de assombrosos heroes, que scintillam na nossa historia, como constellações no azul diaphano do firmamento. Esta alegria que agora vês resplandecer em todos, depressa se dissipa pela contemplação do presente. E' sol irradiando ouro e fugindo rapido para deixar logar ás sombras.

—Abram-se escholae, respondeu elle n'uma entoação solemne e magestosa, onde se eduquem os espiritos religiosamente e se arreiguem bem fundo as erenças que fizeram triumphar Affonso Henriques em Ourique e tantos outros astros, cujo fulgôr o tempo não apaga, e vosso estandarte tremulará de novo altivamente, erisado de mil saphiras, aureolado de mil brilhantes.

E a mocidade academica continuou passando alegre e descuidada como bando d'aves chilreando pelo espaço, enquanto o ancião de cabellos brancos como espumas oceanicas, acclamava n'uma infinita saudade:—*ave spes unica.*

Arthur d'Almeida.

SALVÉ 1.º DE DEZEMBRO!

UM velho pobre, andrajoso, as pernas tremulas, a cabeça reclinada sobre o peito, apoiado a um debil bordão, caminhava . . . caminhava lenta e vagarosamente, lendo-se-lhe no rosto, escavado pelas lagrimas, os soffrimentos que lhe dilaceravam a existencia.

Encontra um vulto e diz-lhe:

— Senhor, podereis vós, por amor de Deus, dar algum lenimento a este pobre e desamparado velho!?

— Quem sois vós que assim fallaes?

— Eu sou aquelle leão do occidente que outr'ora caminhava impavido por mares nunca d'antes navegados; que descobri aquellas terras onde a aurora levanta as tendas para dar passagem ao carro de Phebo; que trouxe d'essas paragens longinquas tanto ouro e preciosidades, e hoje estou reduzido a isto que vêdes e governado e vexado por povos estrangeiros!

— Por ventura sereis vós aquelle Portugal por amor de quem eu sacrifiquei a minha vida em Cerneja, Ourique e em tantos outros recontros? Oh! . . .

E o vulto desapareceu deixando estatelado o pobre velho.

Mas um punhado de homens, com a coragem que talvez D. Affonso Henriques lhe insufflára, caminha arrogante, liberta a patria desfallecida, e eis Portugal restaurado. Agora direi como disse um bello poeta:

Murchar a fama entre nós não sóe
De quem pela patria é summo heroe.

Francisco Rodrigues da Silva,

(Alumno do 1.º anno do curso Theologico).